

Conversa 18 de agosto de 2015

O artigo “A Planta Inteligente: Cientistas Debatem um Novo Modo de Entender a Flora”, escrita por Michael Pollan para a Revista Piauí n. 92 (disponível em <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-92/questoes-botanicas/a-planta-inteligente>), é muito interessante, porque mostra o quanto as últimas descobertas da botânica podem ser importantes para as coisas culturais. Existe uma relação muito densa na cultura entre os objetos, a natureza e os sujeitos, e uma tendência, na chamada civilização ocidental, de reduzir essa relação colocando a natureza como algo inferior aos sujeitos. É muito comum que as análises que tenham tal ponto de vista ocidentalizante não consigam dar conta da complexidade das coisas, atribuindo, assim, uma importância excessiva ao sujeito individual pensante, separando-o do ambiente. O artigo possibilita enxergar como as pesquisas recentes de boa qualidade recuperam coisas muito antigas e relevantes, a exemplo dos estudos sobre as plantas. O desenvolvimento de certas culturas mostrou certa tendência em supervalorizar o sujeito pensante em detrimento da vegetação. Esse estudo, portanto, serve aos nossos pressupostos, enquanto grupo que investiga o barroco, a mestiçagem e as coisas – os objetos da cultura.

O texto diz, por exemplo, que a ciência ocidental tem como modelo de inteligência o sujeito e o cérebro humano. Todavia, existe um outro modo de avaliar a inteligência que é a partir da adaptabilidade dos organismos ao ambiente, e ninguém se adaptou e se adapta melhor do que as plantas no planeta, inteligência essa que não pode ser medida por QI, e sim pela capacidade de adaptação. Evidente que há uma tendência da inteligência relacionada à adaptabilidade às circunstâncias do ambiente que, se incorporadas, podem gerar uma grande dose de alegria construtiva na sociedade. Coisas assim são importantes e têm muito a ver com o barroco e a mestiçagem. O barroco é acúmulo de informação e excessiva combinação de elementos heterogêneos que se cruzam. O texto fala sobre inteligibilidade, que não tem que ver com inteligência humana, mas com capacidade de entender, a exemplo da junção dos leucócitos com as hemácias – dois elementos diferentes compondo e formando um terceiro, sendo um entendido pelo outro, mas guardando suas respectivas diferenças. O sistema das plantas é muito mais complexo do que o humano em alguns aspectos. Por exemplo, os computadores, criados pelo homem, teriam muito mais a aprender com o sistema em rede do mundo vegetal do que com o cérebro humano. Há aí uma enorme guinada, porque ao invés de imaginarmos o cérebro comandando o avanço tecnológico, precisamos retroagir a algo que sempre foi desconsiderado pela cultura ocidental quando comparado com a mente humana.

O sistema em rede das plantas é complexo. No lugar onde a natureza está presente não há como se observar uma história linear. São lugares normalmente considerados atrasados, locais onde encontram-se animais, onde festas populares retomam mitologias, em que animais e plantas encontram-se presentes, porque há em toda área grande quantidade de rituais, como os de cura, homenagem, pajelança etc. As plantas estabelecem e apresentam uma grande capacidade tradutória nessa comunicação, que tem que ver com uma poética da cultura ligada à natureza, que muitos seres humanos perderam ao se autovalorizar demais.

Nesse sentido, a universidade e o ensino em escolas básicas, por exemplo, são locais onde se desenvolveriam os cérebros, mas onde na verdade se destrói o cérebro, matando também o corpo que é o lugar do sujeito mais parecido com as plantas. Procura-se dar à criança uma educação progressiva em um sistema educacional no qual se privilegia em demasia o desenvolvimento do raciocínio lógico voltado para um modelo de conhecimento positivista, binário e desenvolvimentista.

Os homens não aceitam os animais na sua condição e individualidade, ocorrendo que geralmente se aproximam daqueles que são mais dóceis, mais fáceis de controlar, afastando-se de animais selvagens que se afirmam na natureza, que não aceitam certas interferências humanas em suas relações com o ambiente, como leões, onças etc. Isso tudo é interessante para nós que estudamos a relação entre pessoas, objetos e a natureza.

A exemplo das árvores, entretanto, devemos ficar atentos à afirmação de que elas tenham alguma função matriz e que exerçam domínio sobre outras, pois essa é a face que dominou o pensamento ocidental, inclusive na América Latina, onde muitas pessoas não conseguiram fugir desse pensamento. Na América Latina foi realizada uma releitura de uma porção de acontecimentos que vieram da Europa, cuja matriz de pensamento encontra-se no ocidente europeu. São invariantes, próximas das chamadas essência e identidade superior, atuando de maneira central e dominante. Tais invariantes são tomadas como referências para as análises, ao invés de se fazerem estudos complexos do conjunto interagindo de maneira polimorfa entre si.

A tradução nunca é menor do que o texto que se quer traduzir. Na botânica há um termo importante, o subespontâneo, a exemplo de frutas que, quando trazidas de lugares longínquos, mantêm a mesma capacidade produtiva e qualitativa do local de origem, ou seja, o processo tradutório se dá na capacidade de adaptação ao ambiente, de maneira que Lezama Lima tratou a manga como a representante dos processos de escritura do Caribe, ainda que essa fruta não seja original do Caribe, ou seja, desloca-se da invariante, que tem sempre a ver com uma origem superior. Reparemos que esse problema da função matriz é perigoso porque

pode ser retomado pelos povos que sofreram com o Ocidente, a exemplo de quando os movimentos negros falam acerca de uma função matriz que tenha vindo da África, ou uma função matriz indígena, em que está se pensando de acordo com modelos da Europa ocidental, ao invés de se optar pela capacidade de traduzibilidade múltipla e englobante de multifatores agindo em conjunto, em rede, com a participação de todos os envolvidos, sem que haja valorização de uns sobre outros.

Na rede não pode haver participação maior de ninguém, sendo sempre um mosaico, um arabesco, uma marchetaria. Às vezes, usa-se a palavra matriz para se dizer outra coisa qualquer que tenha outro sentido, mas o uso propriamente do termo já pode comprometer o significado ou o sentido do que se quer dizer. Isso tem que ver com a afirmação de que as plantas sabem, as plantas são órgãos com uma capacidade de adaptação extraordinária, como a trepadeira, cuja inteligência faz com que ela cresça abraçando os objetos, e cuja inteligência a faz, ainda, procurar os objetos. Se colocarmos um trepadeira em um caramanchão para que ela siga um determinado caminho, ela simplesmente não obedece. É como se ela estivesse dizendo que não conhecemos os processos complexos, químicos, ou seja, de ar, de luz, de água, de movimento, porque as plantas são interativas e os humanos não compreendem isso, embora saibamos que os índios tenham uma aproximação e envolvimento maior com as plantas do que os cidadãos.